



José Cardoso Pires

Os voos da morte

A mim o que me inquietou foi um telegrama da Reuter onde se referia que o ano de 1944 tinha sido caracterizado pela aparição de monstros, experiências paranormais e homicídios colectivos. O fenómeno em destaque ia para um monstro que aparecera na Argentina e eu então lembrei-me do ditador Varela e dos seus milhares de mortos.

ATRAVESSO A noite cega num avião às moscas, por cima das mecas do Oriente. Lá adiante, do outro lado do corredor, um coronel marroquino, ajoelhado de cu para o ar em cima do assento, faz vénias na direcção de Alá É Grande e pede-lhe a bênção em Corão cifrado para as barbaridades que é obrigado a cometer em defesa de Sua Majestade Hassan. Se queres que te diga, ó cabo-de-guerra da merda, a mim o que me espanta não é andares a assassinar por conta dum rei os patriotas do deserto que não é dele e os democratas do Marrocos que ele ocupou. O que me espanta é como tu, num céu às escuras e sem bússola, conseguiste descobrir para que lado está o Oriente do Alá com quem conversas.

Quanto ao teu Hassan II, nunca o vi nem me faz falta. Resumo-o a um príncês com beicola de camelo, que joga aos matraquilhos com o fantasma do nosso Sebastião de Alcácer Quibir em noites de insónia enevoadas — e pouco mais. Ouço dizer que é um gozador do piorio, porque cita a toda a hora a divisa de Ben Stein “it’s fun to be rich”, a rimar com “o resto que se lixe”, para fazer disso um princípio muito dele.

Não perde uma oportunidade de reinar com o semelhante, o grandecíssimo. Entre outras graças, anda sempre com as algibeiras cheias de lacraus para assustar os generais que lhe vêm ao beija-mão e às vezes, quando lhe dá na mosca, desce à cidade num burro de dentadura de platina e cascos cravejados de diamantes, que assombra toda a gente por onde passa. Não me admirava nada que Mário Soares, na sua viagem presidencial a Marrocos, tives-

se sido recebido no aeroporto por um burro de tanta nobreza, porque um zurrar de platina e um escoinhar de diamantes não acontecem todos os dias.

Mas para além de todas as suas singularidades, o rei berbere acumulou tais vícios de colecionador que ultrapassam o “Guinness Book”. Punhais de diamantes são às dezenas, automóveis nem se contam e só no ano passado a sua frota pessoal foi acrescentada de 518 Volvos que já não cabem no país, dizem os jornais.

Por aqui se compreende a famosa simpatia de Hassan II pela princezinha dos 1000 sapatinhos de ouro, Imelda Marcos, a tal que desmantelou as Filipinas num sapateado erótico-cristianíssimo, à cabeça de um “ballet” de generais assassinos. Espírito de colecção, humor e plutocracia, as boas coisas fazem os bons amigos. Tanto assim que, de tempos a tempos, o divino Hassan recebe em segredo a bela Imelda sentado no chão e a tocar flauta de encantador de serpentes, e à medida que toca admira-a a ondular, ondular, ondular, numa chama das mil e uma noites. Só visto, aquilo.

Pois é, meu coronel, essas conversas de “mea culpa” já a gente está farta de saber. Depois das guerras sujas, os generais desalmados lavam as mãos ensanguentadas na água benta do bispo e tudo fica em família. Sempre assim foi, olha os Pinochets, olha os Violas, olha os Videlas. Vê

como os ditadores da América Latrina, para a limparem da trampa democrática foram brigados a matar contra vontade, em nome da ordem e da honra e com a piedade de Deus.

Exageraram um pouco, é verdade. Só na Argentina abateram 30 mil cabeças de cidadãos, números oficiais. Nada mau. E a chacina só não foi mais longe porque os velhacos dos ingleses se lembraram de ocupar as Malvinas e caíram em cima daqueles generais, acabando-lhes com o tango.

Azares destes não surpreendem ninguém. Os cabos de guerra mais fedorentos são danados para dar porrada nos civis desarmados, mas quando se vêem tacho a tacho com o inimigo batem a asa que até faz dó. O Videla foi um deles. Corajoso como o caraças, o Videla. Especialista em se livrar dos prisioneiros, lançando-os de avião para as águas do Atlântico nos chamados “voos da morte”. Cerca de 2000 anjos (malditos, já se vê) lançados do céu aos tubarões, dizem as estatísticas.

Claro, depois dos ingleses, “los bravos generales” dos mortos voadores calaram-se muito caladinhos e a Igreja pôs-se a dizer que não tinha nada a ver com eles mas que lhes perdoava, coitados, porque a piedade de Deus está acima de todos os erros do mundo.

Por isso é que, reparo agora, o coronel marroquino já não está de cu para o ar. Já fez contas com o Alá e dorme descansado. Eu é que não porque, como amigo do diabo, não consigo ter sono. Ainda ontem vi num jornal a fotografia do Videla a receber a comunhão na catedral de Buenos Aires. ●